

questionar, mas

(com) paixão

Crítico do Urbanismo inspirado na Carta de Atenas, Carlos Nelson dos Santos, professor titular da Faculdade de Arquitetura da UFF-Universidade Federal Fluminense, faz uma leitura apaixonada da cidade. À frente do Centro de Pesquisas Urbanas do IBAM-Instituto Brasileiro de Administração Municipal, Rio de Janeiro, coordena, atualmente, trabalhos como a reabilitação da Baixada Fluminense, reurbanização de favelas, planos de obras e diretrizes urbanísticas para várias prefeituras do país.

Em sua análise sobre a cidade você afirma que a crise nacional poderá apontar para um final de crise urbana. Que elementos se pode identificar para superar esta crise?

— Só um, a emergência de um cidadão brasileiro, cidadão que pertence à cidade e é uma figura historicamente inédita no Brasil. Da *polis* grega emergem dois princípios antagônicos e estruturantes da cidade: *polícia* e *política*, ambos derivados da mesma categoria matriz. A oposição entre *política* e *polícia* é a oposição entre praça (espaço da troca e da liberdade) e a muralha, limite da cidade e lugar da repressão, do domínio e poder.

Como fica a cidade nesta relação?

— É a própria cidade. Enquanto não houver uma, a outra sozinha não se traduz em cidade. Para que haja *política* é preciso que o lugar da praça esteja assegurado. O capitalismo propõe até um espaço privilegiado para ela.

Sem a praça da *política* é um modo de produção destinado à autodestruição. Morreria cedo caso fosse sustentado apenas por suas propostas econômicas. Como modelo político teve de ser aberto para que os homens "livres" e "iguais" não se dilapidassem como lobos famintos numa alcatéia. Essa idéia, aliás, é de Marx...

Daí a ideologia da fraternidade...

— A ideologia da fraternidade só pode ser criada em cima da negociação política e, retomando Marx, vale lembrar que isso não só viabiliza o capitalismo como o transforma. Se é verdade estamos no nosso assunto, porque *política* é a filha mais bonita da *polis*. Por outro lado, a tendência à repressão é tão inerente à cidade quanto a liberdade. Isso significa que o ser humano é produto do seu ser e do não ser, e sempre será o que é e o que não pode ser, no caso, totalmente livre. A sociedade humana só existe a partir de determinados princípios básicos de repressão (isto é Freud). Daí, a minha rejeição completa aos medos do caos urbano, do apocalipse.

Quer dizer que não dá para resolver essa contradição: cidade es-

paço das utopias e de todas as misérias? Não se pode então imaginar uma cidade ideal ou um ideal de cidade?

— Todas as cidades são seus próprios ideais. Utopia é *eutopos* e *utopos* o melhor lugar e nenhum lugar. Todas as cidades estão no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Por isso são ótimas máquinas para sonhar.

São, em princípio, máquinas poéticas, fortemente metafóricas. Não entender isso é um dos maiores equívocos dos especialistas de cidades no Brasil.

O que dá margem a esse equívoco?

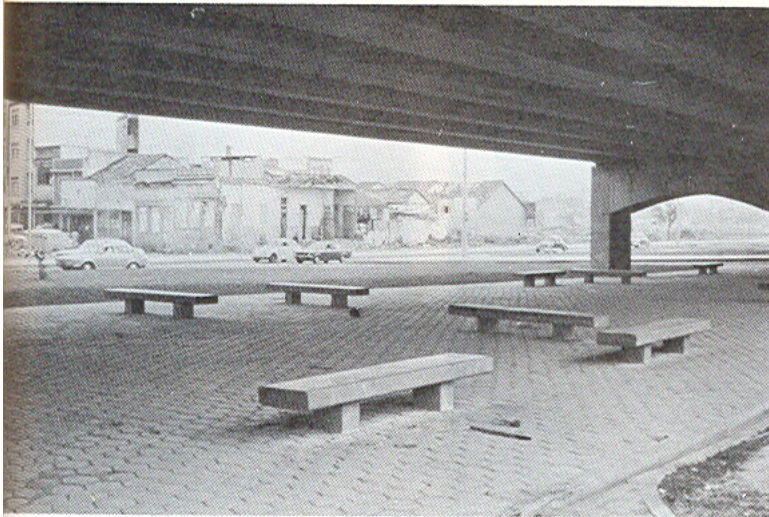
— A primeira coisa é descartar o espaço como variante fenomenológica e significante.

O espaço é visto como epifenômeno. Tanto o pensamento de esquerda quanto os homens que decidem em Brasília trabalham com a mesma visão. Então, todas as políticas passam por cima do problema da localização, no plano regional. Até no nível urbano, o local não existe. Ora, as cidades são sítios, compostos por lugares e lugar é o espaço com significado afetivo; aí está o nosso grande campo.

E por onde passa o trabalho do arquiteto na cidade?

— Sei que vivemos problemas: Capitalismo monopolista; dívida externa; açougues vazios. Agora, se eu tenho que enfrentar a rua São Clemente, em Botafogo (RJ), enfrento com minha proposta aqui e agora, porque descrições analíticas abrangentes não interessam mais. E, sem a pretensão de dispor da "fórmula da felicidade" é preciso dizer humildemente: eu sei resolver pequenos espaços e estou curioso para ver até onde minhas soluções contribuem para melhorar o mundo. Isso se chama comportamento científico. É exatamente o que faria um físico.

Você vem criticando uma certa postura da intelectualidade de condenar tudo que a sociedade vem produzindo em seu conjunto, da convivência com o poder e do distanciamento com o povo. Como é trabalhar com o povo?



bairro do Catumbi, Rio

fotos cedidas pelo atq. Carlos Nelson



zer da cidade um jogo de cartas. Veja, não estou com discursão reformador do mundo, estou tentando pilotar minha prancha e sei que o vôo é muito rasante. Será que o Ministro do Desenvolvimento Urbano, o homem no momento com maiores recursos para agir em cidades, pode fazer alguma coisa grandiosa? Pode. Há determinados processos complexos, misturados, que dependem de nossa formação histórica, das nossas tendências culturais, das economias externa e interna. Mas acho que podemos fazer alguma coisa através de intervenções pontuais. Concordo com Daniel Castels quando diz que o problema das cidades subdesenvolvidas não é falta de recursos mas uma gestão subdesenvolvida ou melhor ainda, que a cabeça é a primeira coisa pequena e subdesenvolvida.

Por que faltam recursos nas grandes cidades?

— O que falta é competência, para gerir a paixão. Ou melhor, a paixão que é ter paixão com. Não estou vendo os políticos e técnicos perceberem qual é a paixão que está movendo os brasileiros. Há 100 anos os brasileiros estão apaixonados por se organizar. Fazem um esforço fenomenal para se encaixarem no processo de urbanização, no que acham que é a vida. É claro que há grandes forças da economia, as grandes articulações do país, que quiseram que tantas pessoas viessem para a cidade, mas elas vieram por iniciativa própria, se expondo a sacrifícios. Tiveram grandes aprendizados notáveis e, em termos, revolucionários. Não vieram tão mal. Obtiveram resultados concretos.

Emprego?

— A revolução é a maior conquista revolucionária do povo brasileiro. Ela adquiriu o caráter de conquista popular. Não acho que seja uma glória. Mas o que esse povo fez é digno. Sem recursos, produziram em alguns casos, coisas muito bonitas. Mais coisas ainda pela paixão que tiveram...

— Se ouve ninguém de bom senso falar mais em destruir a cidade. Ela adquiriu o caráter de conquista popular. Não acho que seja uma glória. Mas o que esse povo fez é digno. Sem recursos, produziram em alguns casos, coisas muito bonitas. Mais coisas ainda pela paixão que tiveram...

Que coisas são essas?

— Espaços urbanos dramáticos, comoventes...onde até conseguem ser felizes. E o que é ser feliz? É ter seu lugar no mundo, entender que este lugar é um abrigo, onde o sujeito se sente seguro para comer, amar, ficar doente, ensinar os filhos, se divertir, receber os amigos com o maior orgulho... Isso me comove...

Na sua opinião qual é o maior problema urbano que o país enfrenta?

— A acessibilidade à terra, pois estamos caminhando rumo a um absurdo surrealista, onde a maioria dos brasileiros não tem dinheiro para comprar terra nas condições do mercado e, enquanto isso, a terra vai custando cada vez mais. Veja, não falei em propriedade da terra, mas em acesso a ela, ou se resolve isso ou...O governo bola leis delirantes de expropriações, quer forçar determinados usos para a terra privada etc, entretendo, o maior proprietário de terra privada no país é a União através dos seus ministérios e órgãos diversos. No Rio, há casos espantosos; as Forças Armadas, por exemplo, têm duas propriedades que são maiores que alguns municípios da região metropolitana. Por outro lado, as cidades brasileiras já estão estruturadas e cidades com dez milhões de habitantes não sofrerão facilmente mudanças drásticas e radicais tão ao gosto das utopias arquitetônicas.

Isso significa...

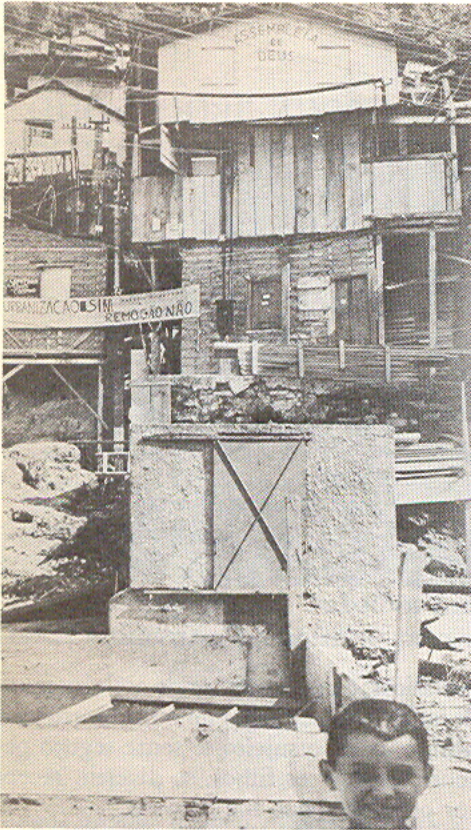
— Por um longo tempo os pobres continuarão a morar longe do local de trabalho, absurdo e contradição, que nem o capitalismo mais avançado consegue resolver. Ao lado do acesso à terra um outro problema precisa ser atacado de imediato que é a precariedade definitiva do transporte de massa.

E a habitação, o saneamento?

— Essas coisas podem vir depois. A acessibilidade à terra e o direito de ocupar terra urbanizável e firme, com mínimo de orientação técnica, deve ser o primeiro passo... Não é nada complicado.

Na medida em que se facilita o acesso à terra urbana não seria disparado um processo ainda mais acelerado de inchamento das cidades e aumentados os problemas de qualidade de vida?

— Se as pessoas viessem para cidade porque a terra é grátis, elas nunca teriam vindo. Não estão aqui por esse motivo. Além do

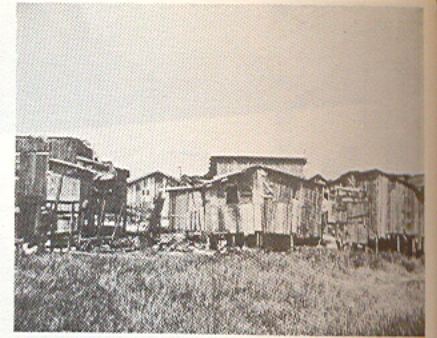


fotos cedidas pelo arq. Carlos Nelson

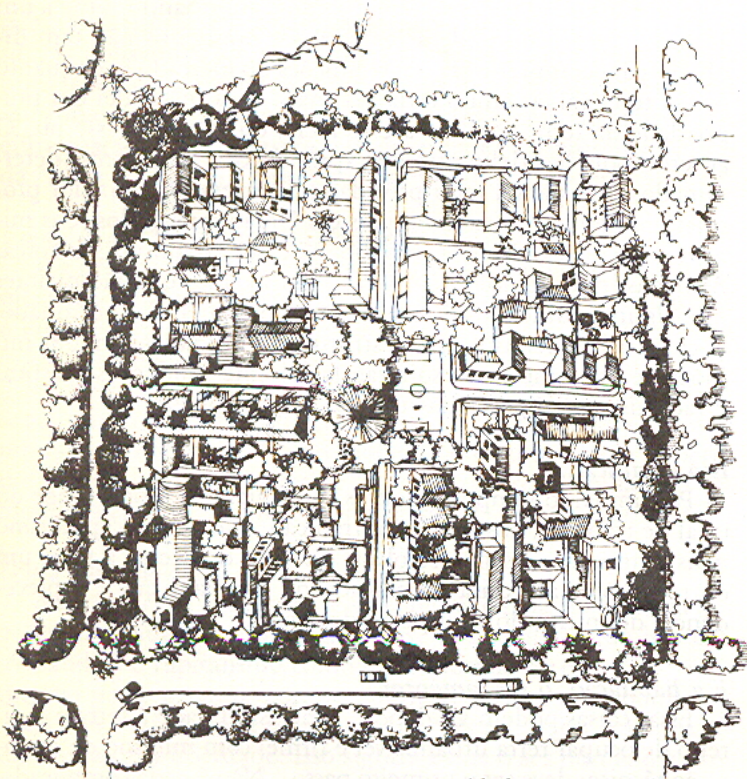
favela de Macedo Sobrinho, Rio:
disposição de resistir



soluções dramáticas



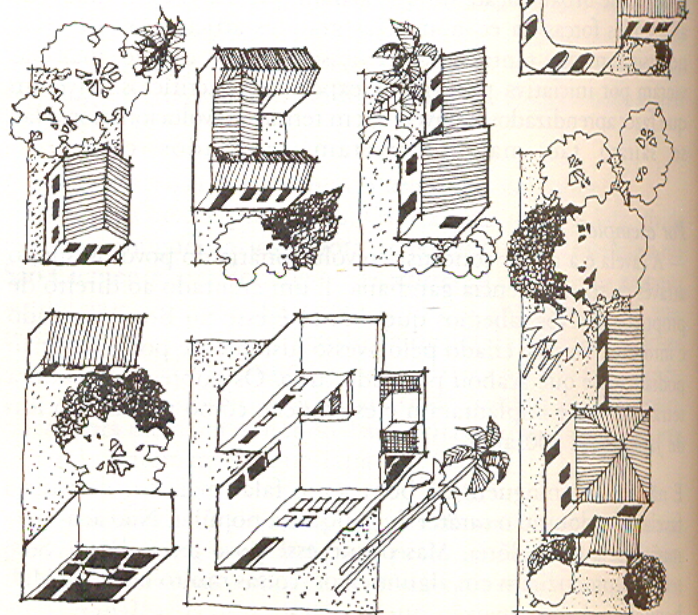
favela de Brás de Pina, Rio, barracão



idades novas em Rotaima



ÉIS ALGUMAS
ALTERNATIVAS
PARA OCUPAR LOTES
COM ESSAS DIMENSÕES ...

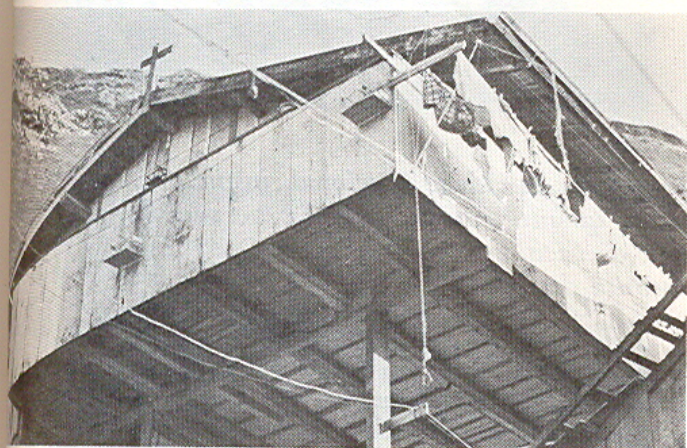




reurbanização



e calçamento



soluções "impossíveis"



as ruas às vezes viram casas

vamos encarar os fatos: chegaremos ao ano 2000 talvez com a população urbanizada distribuindo ou não terra na cidade. Essa situação não é negativa, os Estados Unidos podem atestar. Há ainda o Canadá e Austrália, países continentais como o Brasil, estruturados em cima de oito a nove macrocidades. O bom equilíbrio da rede urbana e da distribuição demográfica da população é um mito da geografia francesa. Um mito que nunca aconteceu para eles. Inventaram porém mais uma de suas racionalidades e impuseram sua lógica. Como não tenho compromisso com essa racionalidade, não acredito que boa distribuição espacial e uma rede urbana balanceada sejam pré-condições para a riqueza e o desenvolvimento.

Como pensar esse Brasil com 90 milhões de habitantes urbanos? O que vai acontecer com as cidades brasileiras?

Como tornar inviáveis, ou serão tão viáveis quanto possam ser? No momento me preocupa ouvir propostas de contenção do crescimento das cidades como se houvesse algo que pudesse ser controlado ou como se do alto de nossas pranchetas pudéssemos ordenar as coisas... Poucos se preocuparam em chegar em qualquer ponto pobre da cidade e perguntar: por que você veio para cá? Todos dão a mesma resposta e nós não estamos ligando. Eles dizem: por causa do movimento. Um antropólogo sério desprezaria essa categoria — movimento — e destrinchá-la. O movimento é o espírito da cidade, a grande força, o grande remeio, o grande confronto de diferenças que promove os saltos. Eles dizem: para a festa. A cidade é a festa e eles estão conquistando espaço para a festa. Quando ela vai acontecer? Daqui a mil ou dois mil anos, isso não é nada em termos de história. A cidade sempre foi a possibilidade de festa, ela é representada como uma possibilidade de paraíso. Essa, me parece, seria uma visão típica dos arquitetos.

E você acredita que essa tem sido a visão dos arquitetos?

— Essa ótica tem lugar para o sonho e fantasia. Mas, atenção! Isso não é delírio! Nem são os sonhos utópicos dos arquitetos que nesse país se tornaram pesadelos autoritários! Não estou falando da mesma coisa. Quem quer o mundo na ordem e na disciplina não é um apaixonado, esse é na verdade um desordeiro. Tudo de bonito que aconteceu nas nossas cidades foi por força da paixão. Movimento pela paixão o povo está se apropriando da rua. Imagine que os arquitetos propuseram como salvação realizar cidades sem ruas! Fizeram isso, não? Como na capital do país, cidade modelo, que nega a rua, em favor dos princípios racionalistas dos alemães e franceses... E nós dizemos que isto era o futuro... O Estado onipresente, onde nada pode sair do lugar. Isso não é futuro...

Para você o futuro passa pelo espaço da festa? E como fica sua idéia de que cada cidadão se torne um urbanista?

— Porque o corpo também é um instrumento de produção da cidade, assim como a cabeça. Nós seremos os intérpretes. Numa sociedade em que as funções estão especializadas, nós seremos os intérpretes. Ou melhor, seremos as pessoas com mandato legítimo de fazer ilações — um artifício do raciocínio que permite que você, sabendo os passos intermediários, dê saltos. Assim é possível somar experiências fazendo uma pré-síntese para o povo. Para os pobres isso é muito difícil, devido ao caráter local e restrito de uso do espaço que eles têm. Teremos de transformar a teoria geral do espaço e fazer novos lugares. É uma ida e vinda maravilhosa e, com o perdão da palavra desgastada, dialética. Só que a dialética que prefiro não é triádica, mas diádica; mais para Heráclito do que para Hegel. Tudo é e não é. Por que as coisas terão que ser ou pretas ou brancas eternamente? Tudo pode ser ou não ser ao mesmo tempo. E a cidade também, toda rua pode virar casa.